

8 DEZ 1985
OPINIÃO

Postura de estadista

ALUIZIO NAPOLEÃO

O oportuno pronunciamento do presidente José Sarney à Nação, antes das recentes eleições, foi um acontecimento memorável, que merece ser destacado. Não somente pelo estilo do escritor, mas, também, pela postura que revela de estadista. Fez-me recordar os discursos de José Américo de Almeida, outra pena forte que elevou o nível das declarações públicas no Brasil. Foi José Américo de Almeida quem caracterizou a função do homem de Estado, ao dizer que não deveria ser um técnico, um especialista, conhecedor de todos os assuntos governamentais. Poderia valer-se dos técnicos, sim, mas o homem de governo deveria ser, sobretudo, um **técnico das idéias gerais**. O ilustre nordestino possuía a dignidade da função pública, demonstrando sempre uma grande força moral que não deve estar ausente naqueles que têm a responsabilidade do poder. O mesmo aconteceu com o presidente José Sarney.

Há muito tempo o público brasileiro não ouvia palavras de tão alta dignidade como as do recente discurso presidencial. Ninguém lhe fará nenhum favor em dizer isso. Só não percebem a superioridade de seus conceitos aqueles que são incapazes de sentir o novo estilo que está imprimindo ao seu Governo. Diz, sem rebuços, o que pensa, com franqueza e autoridade: "O Poder civil está consolidado. Respira-se liberdade em todos os cantos do Brasil. Não posso ser mágico, e do dia para a noite consertar o que não se consertou ao longo da História. Quando assumi, fui recebido com grandes reservas: não era o **candidato do protesto**, nem o **Presidente da Esperança**. Mas o Brasil sabe hoje que sou o **Presidente da Responsabilidade**. Mais adiante, completou seu pensamento: "O Governo pode ser firme, sem ser arrogante. Pode comandar sem empáfias, nem ameaças. A sociedade democrática é uma sociedade de convivência. Eu não acredito na fórmula maquiavélica de que o poder deve amedrontar, para ser respeitado. Sempre preferi, ao longo de minha vida, ser estimado a ser temido. Tenho a consciência histórica de que sou o fiador do equilíbrio. Mas temos ainda grandes tarefas a cumprir. O Brasil precisa de paz e conciliação, o grande legado de Tancredo Neves".

Esse tom, essa postura, diria melhor, essa compostura, demonstra que o Brasil tem, no seu comando, um homem à altura das responsabilidades de um Presidente da República, que percebe, com nitidez, a importância histórica do momento, após uma campanha única, em que um estadista de Minas Gerais conseguiu algo transcendente: conciliar os componentes dispares da política nacional, em momento difícil, quando mais periclitava a implantação do regime democrático no Brasil. Esse sentido de conciliação, que é um apanágio de Minas Gerais, mas que tem sido, também, em épocas críticas de nossa História, um fator de equilíbrio nacional, não é tarefa fácil e requer perspicácia, habilidade e elevação acima dos interesses partidários, dando primazia aos interesses nacionais. E isso, creio, que os verdadeiros patriotas esperam da atuação do presidente José Sarney, muitas vezes ingrata, mas cuja firmeza e prudência, aliadas ao senso da responsabilidade, com decisões corajosas, nos dá esperanças de melhores dias para a consolidação definitiva da democracia no Brasil, que ele, em elegante atitude, sintetizou, dizendo esperar que, após as eleições, "esquecidos os excessos, todos nós nos consideremos adversários, mas nunca inimigos. Todos somos brasileiros e devemos lutar juntos pelo progresso do País". Como profetizou o deputado Celso Barros, ele "recolocará o País no caminho de suas grandes aspirações". E nada para acentuar melhor essas aspirações do que a declaração do presidente José Sarney, ao tomar conhecimento da derrota de seu candidato em São Luís: "Esta é a melhor demonstração e o melhor exemplo de que o Brasil vive uma grande democracia".